

ARTIGO

A DOENÇA DO BRASIL: IMIGRAÇÃO, ESTEREOTIPIZAÇÃO E TRANSGRESSÃO NO PARAÍSO TROPICAL

THE ILLNESS OF BRAZIL: IMMIGRATION, STEREOTYPING AND TRANSGRESSION IN THE TROPICAL PARADISE

PAULO RICARDO KRALIK ANGELINI*

RESUMO

Um exame minucioso nos romances portugueses publicados a partir dos anos 2000 mostra uma série de personagens lusitanos que viajam para o Brasil, em diferentes momentos históricos e com distintos objetivos. Este estudo pretende, pois, apresentar alguns exemplos destes personagens e, especialmente, a forma como o Brasil e o brasileiro são representados nesta trajetória. A associação com o exotismo de um paraíso tropical, a sensualidade e o sexo, a afabilidade do Brasil, e ao mesmo tempo a desonestidade do povo serão apontados nas construções narrativas das obras trabalhadas. Desta forma, serão buscados conceitos fundamentais sobre representação, identidade, alteridade, estereótipo e relações pós-colonialistas, em obras de Homi Bhabha, Robert Stam, Eric Landowski, Erving Goffman, Eduardo Lourenço, Ana Silvia Scott, Lídia Jorge, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; estereótipo; representação.

ABSTRACT

A thorough examination of Portuguese novels published from the turn of this century (2000 and beyond) shows a considerable number of characters who travel to Brazil, at different times and with different goals. This study aims to present some examples of these characters and, especially, the way Brazil and Brazilians are represented in this trajectory. The association with the exoticism of a tropical paradise, its abundant sensuality and sex, the affability of Brazil, and at the same time the dishonesty of its people, will be singled out in these narratives. We will use in this analysis some fundamental concepts about representation, identity, otherness, stereotype and postcolonialism relations from the works of Homi Bhabha, Robert Stam, Eric Landowski, Erving Goffman, Eduardo Lourenço, Ana Silvia Scott, Lídia Jorge, among others.

KEYWORDS: immigration; stereotyping; representation.

“Agora, especialmente porque vivia com um brasileiro, sendo eu portuguesa, senti necessidade de unir dois continentes e colocá-los um em cima do outro, como dois amantes, tal como nós éramos... Tudo que pretendia era unir a geografia através de ambos, unindo os nossos corpos como Tsilia fazia nos seus quadros, mas também unindo a história, a geografia, o passado, as esperanças no futuro” (Mar, Afonso Cruz)

Introdução: alguns sintomas

Paulo Jorge nasceu no Porto. Desempregado, acabou por “procurar o sonho da fortuna fácil, carregando dezenas de comprimidos de ecstasy para vender em São Paulo”.¹ Eis o seu discurso:

As relações transatlânticas vão mudar. Pensa, milhares de tugas vão ter filhos aqui (Brasil), uns vão voltar, outros não. E depois há a malta que vai para Angola e Moçambique. Novas palavras vão entrar no vocabulário, receitas de comida, ingredientes, a globalização ao vivo e a cores, pode tocar-se e comer-se. Casamentos multiculturais e multirraciais. Os portugueses mais europeus de sempre virando-se outra vez para o Atlântico. Tem piada, não tem? Mas sabes o que tem mais piada? O imigrante ilegal já não é só o brasileiro em Portugal. Agora também é o português no Brasil.²

Paulo Jorge, português que está preso no Brasil, fala sobre as novas configurações nas relações migratórias entre a ex-colônia e a ex-metrópole. Ao chegar ao Brasil, ele estabeleceu-se como negociador de vistos falsos para imigrantes ilegais, a maioria deles portugueses. A vida de Paulo Jorge poderia ter sido retirada das páginas de algum jornal. Contudo, ele é um personagem ficcional, criado por Hugo Gonçalves, na obra *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo*.

De certa forma, a fala de Paulo Jorge reflete o que afirma o estatístico Humberto Moreira, do Instituto Nacional de Estatística de

Portugal (INE). Para o pesquisador, Portugal transformou-se numa placa giratória de movimentos migratórios, com a chegada, cada vez mais numerosa, de estrangeiros oriundos do Brasil, da África de expressão portuguesa e dos países do leste europeu e do extremo oriente.³ Na mesma direção, a escritora Lídia Jorge, em *Contrato sentimental*, sublinha que Portugal passou também a ser lugar de destino, desde que os retornados foram obrigados a voltar, muitos para uma terra de onde nunca haviam partido: “É a primeira vez, nos tempos modernos, que outras diásporas se cruzam no seu próprio espaço territorial (português), estando em vias de se desenhar um novo rosto para o futuro”.⁴ Nestas novas configurações para os tempos futuros, Lídia Jorge postula que é rara a família portuguesa que não teve em seu passado experienciado o mergulho ao desconhecido e à errância.⁵

País de emigração por excelência, de gente que se despencou em caravelas em busca de novas terras e que desde sempre precisou justificar as próprias ausências de um território pequeno com terras além de suas fronteiras, a grande crise dos anos recentes, no contexto de endividamento frente à Comunidade Europeia, tem, outra vez, fortemente estimulado a partida de portugueses ressentidos com a perda do poder econômico, o desemprego e a falta de perspectivas. O que se mostra diferente é o perfil de quem emigra. Os meios de comunicação têm noticiado – e lamentado – o aumento no número de portugueses altamente preparados, muitos deles com doutorado, que saem do país em busca de um futuro mais palpável, que faça jus ao esforço empreendido em sua formação.⁶ Uma viagem sem volta. O *Diário de Notícias*, em 2010, fez um levantamento dos dados da primeira década do século XXI: 700 mil portugueses saíram do país, para trabalhar.⁷ Economistas chamam este momento de terceira grande vaga de emigração, depois de dois grandes fluxos migratórios, no início do século XX e outro nos anos

60, 70. De acordo com o INE, a primeira grande vaga foi essencialmente transatlântica, com destinos como Brasil, Estados Unidos, em sua maioria, mas também Canadá e Venezuela. Na segunda, nos anos 60, os portugueses optaram por países europeus com maior desenvolvimento, como França, Alemanha, Suíça, Luxemburgo e Reino Unido.⁸ O jornal Público afirma que, em 2013, entre 2 e 2,3 milhões de portugueses haviam emigrado, representando mais de 20% do total da população portuguesa, o que garante o maior número, em termos relativos, na União Europeia, depois de Malta.⁹ Ainda segundo as publicações, além de destinos europeus, como França, Reino Unido, Alemanha, Espanha, aumentou o número de portugueses que seguem para Angola, Brasil e Moçambique. No Brasil, por exemplo, os portugueses ocuparam, em 2013, a quinta nacionalidade mais representada.

Paulo Jorge, portanto, tem razão no que fala. Ele coaduna esse dado ao afirmar que o Brasil é “uma vez mais, refúgio e recomeço para portugueses, cada qual com as suas razões”.¹⁰ Na cadeia também se encontra o narrador desta obra de Hugo Gonçalves, homem que abandona Portugal por conta da crise econômica e de seus negócios mal-conduzidos.

Esses dois personagens, passaporte carimbado com entrada no Brasil e sonhos de conquista escondidos na bagagem, estão longe de apresentarem-se como um caso isolado dentro do cenário atual da literatura portuguesa contemporânea. Se concordarmos com Paul Veyne, quando ele procura demonstrar a hesitação do campo da história – a única regra é “que tudo o que nele se incluía tenha, realmente, acontecido”¹¹ –, podemos aceitar a reiteração de determinadas situações como algo suficientemente significativo para ser estudado. Chama a atenção, portanto, no discurso literário português do novo século, a alta frequência da presença do Brasil. Um exame minucioso nas obras

publicadas a partir dos anos 2000 mostra uma série de personagens portugueses que emigraram para o Brasil, em diferentes momentos históricos.¹² Para ter-se uma ideia da recorrência desse discurso, há referências a personagens portugueses no Brasil, no mínimo, em quase quarenta obras.¹³ Alguns desses serão apresentados e discutidos neste trabalho, que pretende, desta forma, compor um painel expressivo não apenas da presença do Brasil nestes romances, mas especialmente da maneira como o país é retratado.

O diagnóstico: imagem do Brasil e comportamento do brasileiro

Não são poucos os textos de pensadores renomados, como Eduardo Lourenço, que apontam para um esvaziamento no vínculo entre Portugal e Brasil, especialmente por parte deste último. Na obra *A nau de Ícaro*, Lourenço dedica uma seção (“Imagem e miragem da Lusofonia”) a artigos que exploram as (não) relações entre os dois países. Neles, o autor sublinha a existência de um não laço, e afirma que, para o Brasil, “Portugal não passa de um ponto vago num mapa”.¹⁴ Já do ponto de vista português, de acordo com o pensador, o Brasil ocupa um lugar de destaque no imaginário, ainda que seja como justificativa simbólica de seu passado mítico: o sonho imperial, já desfeito, mas que tanto orgulha ainda um resquício de Portugal colonizador. Para Lourenço, “é indubitável que os portugueses conhecem melhor o Brasil (...) do que os brasileiros, Portugal, o que, bem vistas as coisas, é natural. Mas a imagem que têm do Brasil é que é extravagante”.¹⁵

A afirmação de Lourenço é válida para uma reflexão sob dois matizes. O primeiro mostra a prolixidade de discursos literários portugueses que trazem personagens imigrantes no Brasil (em número imensamente superior ao de narrativas do Brasil que mostrem o brasileiro

emigrando para Portugal). Esses portugueses que habitam as narrativas emigraram para o Brasil em diferentes momentos históricos, mas especialmente por conta da perseguição salazarista e, posteriormente, pelo medo da revolução de abril e das transformações ideológicas. Há, ainda, um grande número de exemplos de personagens que migraram ao Brasil ao longo dos séculos XX e XXI com a esperança de um futuro melhor. Ou seja, o território brasileiro é um destino recorrente para esses personagens que, por alguma razão, precisaram sair de Portugal. Fora isso, produtos televisivos de massa ganham horário nobre na televisão portuguesa. Nesse sentido, talvez se justifique o que afirma Lourenço, que os portugueses conhecem melhor o Brasil, ou pensem mais no Brasil. Por outro lado, e esta é a reflexão da segunda linha temática, o imaginário vendido através das redes televisivas, via novelas e seriados, mais a imagem do brasileiro que emigrou massivamente para Portugal, em especial no final do século XX, acabaram por interferir na construção desses personagens. Ou seja, o Brasil aparece, na maior parte destas narrativas, como uma representação estereotipada, ou como afirma Lourenço, como uma imagem extravagante. Na obra recém lançada *Do Brasil, fascínio e miragem*, Lourenço postula que há uma espécie de paternalismo ressentido na relação de Portugal com o Brasil. Haveria, para o crítico, uma forte admiração retórica, beata, pela cultura brasileira, de modo a justificar a presença portuguesa nela. Uma espécie de reforço mítico, a sustentar um passado que já não é. Para Eduardo Lourenço, Portugal julga-se merecedor de uma deferência que o Brasil ignora.¹⁶

É sabido que a história dos movimentos migratórios brasileiros para Portugal apresenta diferentes ciclos, e a forma como o brasileiro é percebido pelo português, também. Parte da boa imagem conquistada, de início, devia-se aos brasileiros de torna-viagem, que na verdade eram portugueses ou seus parentes em retorno de uma vida, em geral, frutífera

no Brasil. Essas pessoas ganharam destaque na sociedade da época, ainda que por vezes servissem de deboche, e viraram personagens imortalizados por autores como Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós; assim, o Brasil e o brasileiro nativo entraram no imaginário afetivo lusitano. Entretanto, a partir da Revolução dos Cravos, especialmente nos anos 80 e 90, Portugal começa a receber, paulatinamente, menos brasileiros oriundos de uma classe mais abastada e mais das classes menos privilegiadas, que chegam à Europa em busca de melhores oportunidades. Há uma explosão de imigrantes brasileiros, muitos graças às instabilidades políticas e econômicas vividas no Brasil, pós-abertura democrática e durante a era Collor e seus sucessores. De acordo com a historiadora Ana Scott, na obra *Os portugueses, o brasileiro* passou, então, de “povo irmão, alegre e simpático”¹⁷ para o estereótipo de pessoas inconvenientes, malandras, aproveitadoras, sedutoras.

Entrevistas, enquetes e pesquisas, muitas delas sem grande valor estatístico, dão um pouco da dimensão estereotipada com que os portugueses enxergam o Brasil. A revista portuguesa *Focus*¹⁸, por exemplo, com chamada de capa em letras garrafais dizendo: “Eles adoram-na. Elas odeiam-na. Os segredos da mulher brasileira”, entrevistou 1539 portugueses. O resultado foi um desalento. Há o reforço da imagem simpática, festeira e alegre: 74,7% dos entrevistados acham os brasileiros alegres e bem-dispostos, e 63,2% simpáticos e de trato fácil. Ainda traz a pesquisa que, para a maioria dos portugueses, os brasileiros são mal-educados (52,8%), maus profissionais (68,7%), incompetentes e não responsáveis (70%). Quando perguntados se os brasileiros são sérios e honestos, 74,3% dos entrevistados responderam: não. Os dados ficam ainda mais preocupantes quando se percebe que, para os portugueses entrevistados, os brasileiros têm contribuído para a

violência (76,3%), para o tráfico de droga (66,2%), para a prostituição (69,6%) e para o crime organizado (77,1%)¹⁹.

Pesquisa mais séria, publicada na obra *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses: manifestação de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*, traz alguns resultados interessantes e coincidentes. De acordo com a obra, para 75% dos portugueses entrevistados, os brasileiros são alegres e bem-dispostos, mas apenas 22% os veem como sérios e honestos e 27% como competentes e cumpridores. Para a pergunta: somos muito diferentes deles, em usos e costumes?, 73% dos portugueses acredita que não. Ou seja, somos muito mais próximos, para os portugueses, dos portugueses, do que, por exemplo, os europeus do leste (47% acreditam que sim, são diferentes) e os africanos (42%).²⁰

Esses números, muito mais do que frios algarismos em tabelas de pouca visibilidade, trazem um indicativo que a literatura também demonstra: habitamos um território formado por imagens nebulosas e pré-formatadas.

Na novíssima literatura portuguesa, o Brasil aparece frequentemente como um espaço a ser conquistado (outra vez) pelo português, que para aqui vem em busca de redenção, tranquilidade, exotismo, dinheiro. Por questões políticas, em Natália, de Helder Macedo, o avô da protagonista foge da ditadura salazarista e vai ao Brasil, onde se apaixona pela futura avó.²¹ Lídia Jorge²² e Manuel Alegre²³ também apresentam personagens obrigados a fugir de Portugal e exilarem-se no país sul-americano. Quando eclode a Revolução de Abril, em 1974, há igualmente uma série de exemplos de personagens que, com medo das novas diretrizes ideológicas, fogem para o Brasil. O chefe de um personagem da obra *O suplente*, de Rui Zink, desaparece: “O primeiro rumor fora que o homem fugira para o Brasil, com medo do 25

de abril”.²⁴ Em *Já ninguém morre de amor*, de Domingos Amaral, há uma família que precisa fugir com urgência para o Brasil e por aqui fica dez anos.²⁵

Contudo, motivações econômicas, e não políticas, são ainda mais comuns. Em *Rio das Flores*, de Miguel Sousa Tavares, temos Diogo, português que emigra em busca de enriquecimento: “Vamos lá pôr em marcha o nosso projecto com o Brasil. Sempre é um horizonte bem mais vasto do que esta nossa pequenez lusitana!”.²⁶ Em *Eu hei-de amar uma pedra*, de Lobo Antunes, há esta alusão quando um dos personagens olha uma fotografia antiga “de um senhor de panamá enriquecido no Brasil”.²⁷

Torna-se claro, portanto, que o Brasil é um destino recorrente para esses personagens que, por alguma razão, precisam sair de Portugal. E é justamente nesta trajetória que aparece a consolidação de alguns estereótipos conhecidos do país latino-americano. O primeiro deles é a óbvia associação com um paraíso tropical, repleto de praias idílicas. Um território habitado por feras selvagens, macacos, papagaios, mesmo nos maiores centros urbanos. “Pai, promete-me que me trazes um papagaio”,²⁸ pede o filho de um personagem, pouco antes da viagem ao Brasil, na obra de Miguel Sousa Tavares. Quando lá chega, não esconde sua admiração pelas belezas naturais: “Caramba, Deus não se poupou ao desenhar o Rio de Janeiro!”.²⁹ Também o protagonista de *O retorno*, romance de Dulce Maria Cardoso, tem essa ideia sobre o Brasil. Rui, um adolescente nascido em Angola e vivendo em Portugal pós-revolução de abril, refugia-se na imagem de um país alegre e festivo, como sua terra de origem: “no Brasil não há frio e há frutas como as de lá, a minha irmã pode comer as pitangas que quiser”.³⁰ Para o menino, o Brasil é sinônimo de uma terra frutífera, “com a água do mar quente e a chuva que nos dá vontade de dançar, uma terra abençoada como Angola era, uma terra que deixa crescer tudo o que nela se semeia”.³¹

Fácil associar este trecho de Dulce Maria Cardoso com os versos de Gonçalves Dias: “nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores, nossos bosques têm mais vida”. Aliás, se pensarmos na literatura romântica e em seu projeto de consolidação nacional, ainda que com notas de exotismo, num processo pós-independência, podemos encontrar trechos que exploram justamente a inigualável beleza do Brasil. *Iracema*, de José de Alencar, traz muitas passagens assim: “Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros”.³² Este éden revivido, porém, é ainda mais intensificado pela lupa portuguesa. Rita Ferro, na obra *Não me contes o fim*, traz uma personagem portuguesa que decide emigrar para uma ilha no nordeste brasileiro. A descrição do espaço é rica em detalhes, mas beira o ultrarromantismo com sua descrição de um espaço onde o exotismo e a beleza causam uma certa hipnose: “Optamos por uma baía encantada, onde as tartarugas acorriam às centenas para se alimentar e os golfinhos nadavam livremente, com dezenove lagoas de água doce e uma verdadeira mata, luxuriante, saindo das dunas”.³³ Os adjetivos encantada e luxuriante resumem o tom da estilização de uma natureza que faz parte de outras dimensões.

Macacos também não podem faltar ao cartão-postal tropical, e na obra *A eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa, um imigrante português no Brasil afirma: “Não se pode dizer que a alegria seja, no Brasil, uma disciplina, porque o Brasil é indisciplinado por natureza; em vez de macaquinhos no sótão, tem macaquinhos pulando para dentro das janelas em pleno Rio de Janeiro”.³⁴ Atente-se para o reforço de outro estereótipo que vai surgir nestas passagens: a de um país e de um povo indisciplinados, barulhentos, invasivos, desonestos. Seria, portanto, a alegria uma das causadoras da indisciplinada? Para Diogo, o personagem de *Rio das Flores*, a desonestidade e a falta da palavra empenhada são alguns

dos problemas na hora da negociação, e o ponto de vista do personagem faz uma radiografia generalizadora do brasileiro:

Em negócios desses, um brasileiro nunca diz que não, que é impossível ou que não dá conta do recado. Mas, entre o que dizem, o que prometem, o que juram e o que cumprem, ia quase sempre uma distância que não raro significava a perda de um contrato e de um cliente.³⁵

Homi Bhabha apresenta uma interessante reflexão que pode ser relacionada com esse desenho de elementos quase primitivos, num espaço onde habitam seres de pouca instrução e muita lábria. O pensador afirma que fazia parte da cartilha do discurso do colonizador apresentar “o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”.³⁶ Como se o choque do português em solo brasileiro fosse ao encontro dos desejos de recivilizar este outro que ainda (sublinhemos o ainda) não aprendeu a ser, de fato, civilizado.

Obviamente, o país é descrito com todo o seu calor, e a intensidade do clima é usada como justificativa para as loucuras cometidas pelos portugueses quando no solo brasileiro. Com o sol abrasador, o clima amolecedor citado por Gilberto Freyre, e as regras sendo sistematicamente descumpridas, as mulheres exibem toda a sua sensualidade e o sexo é transformador. Há, aqui, mais um estereótipo, o das mulheres sedutoras, interesseiras, em geral mulatas, que enlouquecem os portugueses. Ou seja, mais algumas características que devem ser adicionadas à lista do tipo degenerado desenhado em alguns romances. Porém, para além da degeneração, entra também o desejo. Como postula Hélène Joffe, retomando Edward Said, o outro, o diferente, é percebido em todos os seus extremos: fortemente depreciado e também extremamente desejável. Joffe lembra que muitas vezes os povos que não

se encaixam no padrão ocidental europeu “são vistos como possuidores de magia negra, mentalidade primitiva, animismo e erotismo animal”.³⁷ Esta lista de ‘prodígios’, como veremos, aplica-se aos brasileiros.

O pesquisador português Paulo Vieira, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, percebe que os brasileiros são estereotipados por grande parte dos portugueses numa reprodução de “estereótipos coloniais em relação ao corpo, carregada de uma ideia estereotipada do exotismo tropical brasileiro”.³⁸ A reprodução de uma imagem por diferentes séculos pode ser explicada pela rigidez que há nas representações do colonizador sobre o colonizado, como afirma Bhabha, e talvez por isso esses elementos do tempo do descobrimento, do romantismo e da idealização do nativo ainda sobrevivam. Para o teórico,

um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de fixidez na construção ideológica da alteridade. A rigidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca.³⁹

Esta repetição demoníaca aparece potencializada nas narrativas analisadas. A mulher brasileira é permissiva e extremamente sensual. É claro que mesmo intelectuais do Brasil reproduziram ao longo dos tempos o estereótipo da mulher tal e qual uma garota de Ipanema, com um balançar cheio de graça. Paulo Mendes Campos, por exemplo, em suas crônicas, refere-se ao café e ao caminhar da mulher brasileira como das maiores riquezas pátrias.⁴⁰ É a força do estereótipo que vem de dentro de casa.

Sobre o estereótipo, Robert Stam possui um dos mais límpidos conceitos:

Como uma espécie de atalho mental, os estereótipos constituem um instrumento pelo qual as pessoas

caracterizam, de maneira necessariamente esquemática, outro grupo com o qual estão apenas parcialmente familiarizadas. Contudo, numa situação de domínio racial, os estereótipos possuem a clara função de controle social; indiretamente, eles racionalizam e justificam as vantagens dos detentores do poder social.⁴¹

Este atalho mental acaba por escolher meia dúzia de características e repetidamente incluí-las como formadoras de um tipo brasileiro. Desta forma, este tipo é recorrentemente registrado, e isso é um facilitador. Também é possível refletir sobre esta reiteração enquanto necessidade de expressar uma espécie de superioridade ressentida, como quer Eduardo Lourenço, do português sem sua mais frutífera colônia.

Bhabha afirma ser o estereótipo a principal estratégia discursiva do colonialismo e uma forma de conhecimento e identificação “que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”.⁴² Uma das teclas a serem sempre apertadas é a de uma mulher quase diabólica, que seduz o português e destrói seus laços familiares anteriores. Mais do que na literatura, esta representação da mulher fatal está no imaginário português. Basta lembrarmos do episódio das Mães de Bragança, em 2003, quando senhoras casadas, no Norte de Portugal, exigiram a expulsão do país das brasileiras que estariam enfeitando seus maridos nas casas de prostituição.

Junta-se a isso um preconceito de raça, e temos a propalada predileção dos personagens portugueses pelas mulatas, pronunciada, inclusive, em Rio das Flores. O pai de família Diogo, o homem que emigrou para enriquecer, também se apaixona por uma, a Benedita, com quase a metade da sua idade, com quem tem um filho. Vale outra vez resgatar o pensamento de Robert Stam que, ao citar Lélia Gonzáles, afirma que a mulata é um modo sofisticado de reificação, “um produto de exportação para ser consumido pelos turistas e pela burguesia brasileira”.⁴³ A negra

era vista como ultrassexual e sempre disposta. Angela Arruda igualmente percebe esta recorrência, e afirma: “ainda hoje a figura da mulata de exportação faz dos atributos sexuais enformados no modelo escravocrata, ao mesmo tempo uma marca da raça e um emblema da sensualidade brasileira”.⁴⁴

A família de Diogo, que ficou em Portugal, preocupa-se com suas respostas evasivas para o aguardado retorno à Europa, depois de anos a viver nos trópicos. E o filho proclama: “O Brasil, mãe. Não sei porquê, ele arranjou esta doença do Brasil, esta obsessão”.⁴⁵

Esta doença do Brasil é quase epidêmica; parece acometer vários dos personagens que, de certa forma, revolucionam a própria vida quando por aqui se instalam. Não pode ser mais pertinente, para este estudo, a imagem de playground sexual que, segundo a pesquisadora Linda-Anne Rebhun,⁴⁶ o Brasil possui. Robert Stam concorda e afirma que há uma constelação de estereótipos atrelados à cultura brasileira, entre eles o da mulata sexy, “produto presumivelmente lascivo e sensual da mistura racial, perturbadora da paz erótica. De acordo com as mitologias reinantes, a adoração da mulata pode ser remontada à idolatria portuguesa pelas princesas mouras de pele escura”.⁴⁷

O Brasil é o paraíso tropical onde os portugueses descobrem o amor, o sexo e a felicidade. A protagonista de *Não me contes* o fim afirma: “Não foi no Brasil que perdi a virgindade, mas foi lá que acordei para certas realidades. Inevitável. A tensão sexual à minha volta era tamanha...”.⁴⁸ No Brasil, o já citado clima quente provoca uma espécie de entorpecimento nos portugueses: “O calor dá outra dimensão às coisas”,⁴⁹ porque a

forma misteriosa como a temperatura ou a luz solar nos estimulam, por vezes tão sortilega que nos revela uma outra essência, uma nova identidade... O calor e um sol mais oculto do que o nosso causavam-me arroubos de liberdade, apetência para o ócio e para a

charla, uma vitalidade otimista e uma sensualidade lúbrica, à flor da pele... A tristeza não me ocorria, o riso era espontâneo e frequente, e o deslumbramento perante a Natureza e os seus prodígios um sentimento grato.⁵⁰

Anote-se, pois, mais este estereótipo recorrente nestas obras: a da alegria que o país provoca, quase um rir à toa, que tem a ver com a troca efusiva de afeto. Inês Pedrosa, em *A eternidade e o desejo*, segue a mesma trilha: “No Brasil, território de afectos exacerbados, o que primeiro se aprende é o desprendimento, ou dom de amar esquecidamente”.⁵¹ Esquecidamente, neste caso, poderia ser substituído por efemeramente ou promiscuamente, pois na terra tropical os amores são instáveis como as frutas maduras que despencam das árvores. Um amor à brasileira seria aquele de juras e sexo desbragado, mas com prazo de validade a vencer em breve. A protagonista de *A eternidade e o desejo* resume: “O Brasil ensinou-me a erótica do amor que a si mesmo se basta”.⁵²

O sexo surge quase bestial. Em *Não contes o fim*, a imagem é potencializada com a expressão sexo sem digestão: “desvario e sofreguidão, irreprimível, de provar os frutos e os sabores do sexo sem digestão, numa voragem carnal quase animalesca e sem pensar nas consequências”,⁵³ porque “o sexo era ali uma presença tão forte que se cheirava. As mulheres vestiam pouca roupa e a que traziam era, deliberadamente, provocante”⁵⁴. Esta doença do Brasil provoca, pois, uma espécie de primitivização no cidadão português, que se deixa levar pelo seu instinto mais básico. O sexo no Brasil é animalesco e tem cheiro. A mesma construção aparece em Inês Pedrosa, na reiterada exploração dos sentidos: “O cheiro a corpos que se mostram – o cheiro a carne e a sexo, à mistura de raças. O Brasil tem um odor à sobrevivência pura”.⁵⁵ As personagens que vêm ao Brasil revivem uma espécie de determinismo:

são agredidas pela sexualidade explícita de um povo que parece habitar uma outra dimensão erótica. E são construídas num processo em que refletem sobre o seu comportamento a partir de algo que saiu do controle. Não são por natureza assim, não assumem suas responsabilidades; apenas obedecem ao estímulo dos instintos provocado pelo Brasil. Como nos afirma Robert Stam: “Entrementes, primitivismo, exotismo e folclorização usam o outro colonizado como uma ficção erótica para reencarnar o mundo”.⁵⁶ Assim, a promiscuidade dos personagens europeus é relativizada. Em *Amores secretos*, de Yvette Centeno,⁵⁷ a protagonista refere-se a um amigo, Eduardo, personagem que contraiu o vírus da Aids, provavelmente, numa festa ‘afro-brasileira’ em Paris. Deste modo, é o outro que seduz: “A realidade era a sedução das noites ditas afro-brasileiras, onde o prazer era grande, apesar de se correrem alguns riscos. Eduardo estava agora arrependido, e ia pagar com a vida”.⁵⁸ O outro é o risco, o outro é o culpado.

A efervescência étnico-cultural e o estereótipo da miscigenação igualmente estão presentes. Quando escreve à família, Diogo, da obra *Rio das Flores*, afirma: “Acima de tudo, para além da beleza da paisagem, da alegria das pessoas, da língua e da música extraordinárias, o que mais me fascina é a sensação de país novo, onde tudo pode ser ainda sonhado e concretizado”.⁵⁹ A protagonista de Rita Ferro segue o mesmo discurso, mas acrescenta um aprendizado novo – o da transgressão: “Foi lá que aprendi a lidar com os diferentes tipos de pessoas e de culturas, a obedecer e a transgredir...”.⁶⁰ É o Brasil um lugar de misturas.

Contudo, para além do despertar da miscigenação e da sexualidade, vê-se o nascimento do amor no Brasil, um sintoma positivo nesta doença. Em *Amores secretos*, de Yvette Centeno, há a citação a uma personagem que foi ao Brasil e nunca mais voltou. Lá, casou novamente e hoje é por fim feliz. O Brasil é refúgio para exilados, para

descontentes de sua vida e destino para a consolidação do amor. Em *O sétimo véu*, de Rosa Lobato Faria, a personagem decide passar a lua de mel no Brasil. É interessante a passagem, que traz atividades esportivas que a personagem antecipadamente imagina-se fazendo, imagens, aliás, vendidas num estilo de vida à carioca, exportado via novelas da televisão brasileira:

E rio pela primeira vez desde que li aquela carta, sinto me bem, enfeito me por dentro, navego à vela, voo de asa delta, banho-me na cachoeira, visto me de azul, nado no rio, ouço música, decido ir ao Brasil passar a lua de mel e digo aceito, é assim que se diz?⁶¹

Em *Os cavaleiros de São João Batista*, Domingos Amaral constrói uma situação semelhante com relação a um cenário paradisíaco. O personagem sente falta dos pais, que foram ao Brasil e esticaram as férias, referindo-se a eles como animais em contentamento: “Há duas semanas que não os via: continuavam no Brasil, a saltitar de praia em praia, como pássaros felizes”.⁶²

É o Brasil, pois, um destino perfeito para viagens também curtas. Na obra de Teolinda Gersão, *A cidade de Ulisses*, a personagem Sara, juíza, por estar com muito trabalho, quer sair de Portugal e passar uns dias de sol e praia quente⁶³. Em *Os cavaleiros de São João Batista*, de Domingos Amaral, o sonho de um personagem é emigrar ao Brasil: “É uma hipótese. Um bar numa praia do Brasil, ela atende os clientes, eu aprendo a fazer caipirinhas...”.⁶⁴ Percebe-se que vir ao Brasil é sempre viver em frente a um mar cristalino, com poucas atividades estressantes pela frente. Em *A fórmula de Deus*, de José Rodrigues dos Santos, nos últimos desejos do personagem moribundo, a vontade de ir ao Brasil.⁶⁵ Rodrigo Guedes de Carvalho, em *A casa quieta*, também coloca o Brasil como destino de férias, onde os personagens “se banharam nas águas cálidas do nordeste brasileiro”.⁶⁶ Mas nem sempre a viagem ao Brasil é

tranquila para a família toda. Como verdadeira doença, alguns personagens surtam. A representação devoradora da mulher brasileira aparece com muita força em *Os cavaleiros de S. João Baptista*. Quando o marido avisa à mulher sobre uma viagem a negócios ao Brasil, vem a desconfiança, que inclusive muda o comportamento sexual da esposa:

Naquele sábado, talvez a sua iminente partida, ou talvez a fama do Brasil e das mulheres brasileiras, tenha despertado em Mariana instintos até à data adormecidos. Três amigos, homens, dez dias no Nordeste brasileiro podiam significar turismo sexual e talvez ela se quisesse tornar inesquecível antes...⁶⁷ (grifo meu)

Destino não só para se perder, o Brasil também surge como espaço para se encontrar, como afirma a personagem de Natália: é um “lugar para se encontrar e reencontrar”.⁶⁸ Este espaço de transformação igualmente surge em Rita Ferro, quando a personagem prepara-se para retornar a Portugal: “Em breve deixaríamos aquele lugar encantado e regressaríamos às nossas terras. Levaríamos conosco o sol, o sal e o cheiro daquela ilha, o seu povo, o seu segredo e a sua sina...”.⁶⁹ Muitos, inclusive, não têm a menor vontade de retornar a Portugal. Na obra *E depois pronto*, de Clara Pinto Correia, há a seguinte passagem: “Quem foi para o Brasil e conseguiu dar-se bem nunca mais pensou em voltar”.⁷⁰ Em *Mar*, de Afonso Cruz, a consolidação desta relação transatlântica é reconfigurada. A personagem, depois de viver anos no Brasil, retorna a Portugal e conhece “um homem bonito, brasileiro, olhos verdes no meio de uma pele escura, um sorriso com mãos fortes, como se nos agarrasse os olhos”.⁷¹ Diz ela, ainda: “A minha vida mudou quando conheci esse homem, que foi também uma fonte de inspiração artística, e consegui conjugar aquelas coisas que antes me pareciam impossíveis de viver juntas”.⁷²

O Brasil é catalisador de mudanças. Território quente em diferentes acepções, é um lugar, portanto, de chegadas, descobertas e transformações.

Conclusões e outros efeitos colaterais

A construção de personagens portugueses em viagem para o Brasil, com forte atuação nos textos ou que surgem de forma secundária ou figurativa, é um foco interessante de análise, uma vez que é o personagem, como sugere Helena Buescu, que faz a mediação entre o mundo do texto e o mundo. A pesquisadora afirma: “é possível considerar a personagem como foco de consciência criado no interior do texto literário, porque nela reside uma capacidade perceptiva que, por ser forma de conhecimento, apresenta a realidade textual como sentido e compreensibilidade”.⁷³ Ou seja, reconhecer este personagem como um elemento que carrega uma constituição de mundo significa operar num sentido múltiplo, de reconhecimento de diferentes universos. Similarmente, para Robert Stam, a literatura muito mais do que se referir ao mundo, antes ainda de evocar esta realidade, representa-o sob forma de linguagens e discursos. Entretanto, há um caminho não objetivo nesta representação, uma rota de múltipla mediação, de múltipla filtragem. Stam refere que o discurso artístico “constitui uma refração de uma refração, isto é, uma versão mediada de um mundo socioideológico já textualizado e discursivizado”.⁷⁴ Ele completa que o discurso artístico é atravessado por uma infinidade de discursos ideológicos em diferentes perspectivas sociais, pois as produções narrativas não apenas refletem a realidade social, mas modulam, estilizam, caricaturam, alegorizam essa realidade.

A comparação entre diferentes olhares sobre o Brasil e os brasileiros, elaboradas em distintas narrativas, de autores dos mais variados, deveria trazer uma imagem multifacetada, e não única. Esta imagem única, padronizada, encaminha-se no sentido do estereótipo. Robert Stam trabalha com o conceito de essencialismo, quando postula que “uma diversidade complexa de representações é reduzida a um conjunto limitado de estereótipos reificados”.⁷⁵ Esse olhar redutor, ou o atalho mental, como sublinha o próprio Stam, acaba por tornar-se um ciclo vicioso, uma vez que a elaboração de produtos culturais dentro sempre de um mesmo repertório faz ecoar as mesmas imagens que, posteriormente, serão outra vez reproduzidas.

Olhar para o outro, diferente de mim, não é tarefa fácil. Tentar compreender este outro em todas as suas nuances, requer uma disposição ainda maior. Cabe lembrar a interessante reflexão que faz José Luís Jobim, no texto “Notas sobre globalização, nacionalismo e estudos literários”, sobre a importância do respeito à diferença cultural, ao outro e a sua alteridade: “Se o outro deve permanecer o outro, respeitado, mas separado, sua diferença só vai gerar indiferença naqueles que porventura não pertençam ao âmbito desse outro”.⁷⁶

Ao mesmo tempo, há muitos autores que confirmam que a identidade social é desenhada sempre a partir da diferença, num confronto constante com o outro. E vale pensar, como quer Hélène Joffe, que o conceito de outro sempre pressupõe uma exclusão, aquele que não sou eu nem faz parte do meu grupo. Joffe afirma: “Ser ‘outro’ é ser objeto de fabricações de alguém diferente, e não um sujeito com poder e voz”.⁷⁷ Assim, por desafiar uma lógica dominante eurocêntrica, da lei, da moralidade, do intelecto, esses povos são considerados ‘menos racionais’ ou mais instintivos e servem como espetáculo de traços artísticos, espirituais ou eróticos.⁷⁸

O outro – o estrangeiro, o brasileiro, para o português, no exemplo deste artigo – está falsamente próximo e sempre tem atrelada a sua imagem um conjunto de conceitos previamente concebidos. O fato é que quando falamos em cultura, falamos também em cultura perpassada por interesses mercadológicos, e vale outra vez lembrar que o próprio Brasil tende a explorar e exportar essa mesmíssima tríade carnaval-praia-mulheres. Da vinheta dos Jogos Olímpicos às brochuras das agências de viagem, o Brasil mostra-se ao mundo como um espaço para o prazer dos sentidos. E todos os dias, os portugueses param na frente de seus aparelhos televisores para redescobrirem um Brasil moldado pela estética televisiva. Vem a propósito a afirmação de Montserrat Guibernau, na obra *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo do século XX*:

Eles (os outros) parecem agora muito familiares, reconhecemos seus rostos, mas pertencem, na maioria, ao mundo que vemos nas telas de televisão, nos filmes e jornais. São outros um tanto artificialmente criados e que não interagem conosco⁷⁹.

É assim que, frequentemente, somos esses outros para outros povos; provocamos uma certa sensação de intimidade, mas uma intimidade forjada e fabricada via mídia, qual um holograma.

Eric Landowski, na obra *Presenças do outro*, chama a atenção para as marcas que o estrangeiro deixa, quando mostra um comportamento diferente do nativo. Esses rastros, de acordo com Landowski, parecem uma extravagância irracional. Landowski considera que esta diferença de comportamento, por vezes, constrói um conceito de excentricidade. E essa excentricidade é aceita em doses pequenas, no lugar de origem do ‘ser estranho’. Longe de seu contexto, os estrangeiros “criam desordem, e sua incongruência logo os torna insuportáveis”.⁸⁰ Darcy Ribeiro, por sua vez, na obra *O povo brasileiro*, discute a forma

como o brasileiro imigrante se comporta e é percebido em outros espaços. Para o antropólogo, é fanática a forma como o brasileiro se identifica no exterior, especialmente porque lhe é difícil ficar fora do seu país: “Nosso país tem tanta seiva de singularidade que torna extremamente difícil aceitar e desfrutar do convívio com outros povos”.⁸¹ Deste modo, o brasileiro grita por fazer parte de uma comunidade diferenciada, quase sempre por ele considerada melhor do que o lugar onde por circunstâncias está, de acordo com o pesquisador. E esta imagem construída também na convivência – não esqueçamos que o Brasil é o país campeão no número de imigrantes em Portugal – acaba sendo retroalimentada nas narrativas.

Um dos pioneiros na abordagem conceitual do estigma é o sociólogo e antropólogo Erving Goffman. A definição de Goffman de estigma como um atributo que é profundamente depreciativo serve de referência para diversos estudos. Para o autor, a sociedade categoriza as pessoas,⁸² especialmente quando há os desvios daquilo que é considerado o ‘normal’ numa determinada sociedade. Isso é o que ocorre, muitas vezes, nas referências sobre o Brasil.

Nesse sentido, num estudo que recupera Roberto DaMatta, Lília Schwarcz e Maria Lúcia Montes, Ilana Goldstein sublinha a força da festa na cultura brasileira. Segundo ela, “o peso das relações pessoais nas formas brasileiras de sociabilidade, a importância das festas na cultura popular e as persistentes alusões à mestiçagem são elementos que recheiam uma identidade brasileira genérica”,⁸³ identidade essa que será reforçadamente repetida por meio do exagero e do estereótipo, a fim de que seja contraposta com a de outras nações. Somos um país festeiro, carnaval em todas as estações, repleto de gente a dançar de alegria pelas ruas.

Este texto não tem por intenção ou pretensão resolver questões seculares de desajuste da imagem que portugueses fazem do Brasil. Antes, procura levantar alguns pontos em comum que surgem desenhados nas narrativas contemporâneas portuguesas. Por conta disso, achei pertinente recheá-lo de passagens que demonstrem a maneira como essa nova literatura tem se referido ao Brasil. Contudo, outra vez, sublinhe-se que o próprio Brasil exporta um tipo de representação ‘rentável’ aos olhos do estrangeiro. Este bombardeio de cliques, através de revistas, televisão e até cinema, é realimentado pelo olhar do outro, que acaba por desenvolver notas de excentricidade ao perfil do brasileiro. Ainda hoje, aquela imagem idealizada das florestas habitadas por índias com suas vergonhas à mostra é recorrente; a diferença é que todos nós substituímos o índio na cartilha do clichê.

Portanto, quando os portugueses resolvem viajar ao Brasil, acabam por embarcar numa aventura que, de alguma forma, tira-os de sua linha de conforto, seja porque no país a contravenção, a violência, a desonestidade exigem do português um comportamento de atenção, seja porque em território brasileiro o contato com homens e mulheres supersexualizados leva o lusitano a um estado quase primitivo de sexualização, nunca antes experimentado. O fato é que o clima, o cheiro, a natureza do Brasil são catalisadores de grandes transformações internas, de acordo com os personagens dessas narrativas.

Ao que parece, esta doença do Brasil ainda não encontrou nenhum tipo de tratamento adequado.

Notas

* Doutor em literaturas de língua portuguesa (UFRGS), é professor adjunto da Faculdade de Letras/PUCRS e atualmente realiza estágio pós-doutorado na Universidade de Lisboa com bolsa CAPES. E-mail: paulokralik@gmail.com

¹ GONÇALVES, H. **Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo**. Lisboa: Casa das letras, 2013. p. 300.

² *ibid.*, pp. 301-302.

³ MOREIRA, H. **Emigração Portuguesa**: Estatísticas retrospectivas e reflexões temáticas. Revista de Estudos Demográficos, n° 38, INE, 2005, pp 47-65. p. 48.

⁴ JORGE, L. **Contrato sentimental**. Lisboa: Sextante, 2009. p. 30.

⁵ *Idem.*

⁶ MOREIRA, op. cit., p. 60.

⁷ NEVES et al. **Emigraram 700 mil portugueses na última década**. Diário de Notícias online. Lisboa, 28/11/2010. Disponível em: <http://www.dn.pt/portugal/interior/emigraram-700-mil-portugueses-na-ultima-decada-1722201.html>. Acesso: 15/11/2015.

⁸ MOREIRA, op. cit., p.52.

⁹ Onde estão os 2,3 milhões de emigrantes portugueses. Jornal Público Online. Lisboa, 28/11/2010. Disponível em: <http://www.publico.pt/portugal/jornal/onde-estao-os-23-milhoes-de-emigrantes-portugueses-20708919>. Acesso: 15/11/2015.

¹⁰ GONÇALVES, op. cit., p. 301.

¹¹ VEYNE, P. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Kneipp. Brasília: Ed. UnB, 1998. p. 25.

¹² A partir da pesquisa “O Brasil dos outros: Imagens de Brasil nas literaturas em Língua Portuguesa do século XXI”, que procura identificar e analisar quaisquer referências, implícitas ou explícitas, sobre o Brasil nas narrativas publicadas a partir do ano 2000. Este projeto possui financiamento em nível de graduação da PUCRS, através de bolsa de iniciação científica, e da CAPES, com bolsa de estágio de pós-doutoramento na Universidade de Lisboa.

¹³ Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo, de Hugo Gonçalves; Natália, de Helder Macedo; O vento assobiando nas ruas, de Lídia Jorge; Rafael, de Manuel Alegre; Deixem falar as pedras, de David Machado; Mar, de Afonso Cruz; O suplente, de Rui Zink; Madrugada Suja e Rio das Flores, ambas de Miguel Sousa Tavares; Já ninguém morre de amor, Enquanto Salazar dormia, O retrato da mãe de Hitler, Quando Lisboa tremeu e Os cavaleiros de São João Batista, todas de Domingos Amaral; Eu hei-de amar uma pedra, de Lobo Antunes; Uma questão de confiança, de Tiago Rebelo; Meu único grande amor, casei-me, de Manuela Gonzaga; Pessoas como nós, de Margarida Rebelo Pinto; O retorno, de Dulce Maria Cardoso; Não me contes o fim, de Rita Ferro; A eternidade e o desejo, Dentro de ti ver o mar, ambas de Inês Pedrosa; Amores secretos, de Yvette Centeno; O sétimo véu, de Rosa Lobato Faria; A cidade de Ulisses, de Teolinda Gersão; O sétimo selo e A fórmula de Deus, ambos de José Rodrigues dos Santos; A casa quieta, de Rodrigo Guedes de Carvalho; Debaixo de algum céu, de Nuno Camarinho; Longe de Manaus, de Francisco José Viegas; Galveias, de José Luís Peixoto; O meu amante de domingo, de Alexandra Lucas Coelho.

¹⁴ LOURENÇO, E. **A nau de Ícaro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 146.

¹⁵ *ibidem*, p. 149.

-
- ¹⁶ LOURENÇO, E. **Do Brasil, fascínio e miragem**. Lisboa: Ed. Gradiva, 2015.
- ¹⁷ SCOTT, A. **Os portugueses**. São Paulo: Contexto, 2010.
- ¹⁸ A Revista Focus impressa deixou de circular em 2012.
- ¹⁹ LOPES et al. **Os segredos da mulher brasileira**. Revista Focus. Lisboa, agosto/2010. n. 565, pp. 118-119.
- ²⁰ ANTÓNIO et al (coord). **Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses**: manifestação de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- ²¹ MACEDO, H. **Natália**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010. p. 26.
- ²² JORGE, L. **O vento assobiando nas gruas**. Lisboa: D. Quixote, 2004, p. 398.
- ²³ ALEGRE, M. **Rafael**. Lisboa: D. Quixote, 2004. p. 118.
- ²⁴ ZINK, R. **O reserva**. São Paulo: Planeta, 2004. p. 141.
- ²⁵ AMARAL, D. **Já ninguém morre de amor**. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2008. p. 149.
- ²⁶ TAVARES, M. **Rio das flores**. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 170.
- ²⁷ ANTUNES, L. **Eu hei-de amar uma pedra**. Lisboa: D. Quixote, 2004. p. 123.
- ²⁸ TAVARES, op. cit., p. 293.
- ²⁹ *ibidem*, p. 320.
- ³⁰ CARDOSO, D. **O retorno**. Lisboa: Tinta-da-China, 2013. p. 150.
- ³¹ *Ibidem*, p. 243.
- ³² ALENCAR, J. **Iracema**. São Paulo: Click Ed, s/d. p. 17.
- ³³ FERRO, R. **Não me contes o fim**. Lisboa: D. Quixote, 2005. p. 257.
- ³⁴ PEDROSA, I. **A eternidade e o desejo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.125.
- ³⁵ TAVARES, M. op. cit., p. 395.
- ³⁶ BHABHA, H. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998. p. 111.
- ³⁷ JOFFE, H. Degradação, desejo e ‘o outro’. In: **Representando a alteridade**. ARRUDA, A. (org). Petrópolis: Ed. Vozes, 1998. p. 110.
- ³⁸ VIEIRA, Paulo J. **Estereótipos coloniais**. Entrevista. Clam10. 9/11/2011. Disponível em <http://www.clam.org.br/es/entrevistas/conteudo.asp?cod=8936>. Acesso: 18/04/2016.
- ³⁹ BHABHA, op. cit., p. 105.
- ⁴⁰ CAMPOS, P. **Brasil brasileiro**: crônicas do país, das cidades e do povo. [3ª ed]. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005. p. 16.
- ⁴¹ STAM, R. **Os potenciais da polifonia**: reflexões sobre raça e representação. In: **Multiculturalismo tropical**. Trad. Fernando Vugman. São Paulo: EdUSP, 2008. p. 456.
- ⁴² BHABHA, op. cit., p. 104.
- ⁴³ STAM, R. op. cit., p. 460.
- ⁴⁴ ARRUDA, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: **Representando a alteridade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988. p. 32.
- ⁴⁵ TAVARES, M. op. cit., p. 541.

-
- ⁴⁶ REBHUN, L.-A. **Sexuality, Color, and Stigma among Northeast Brazilian Women**. *Medical Anthropology Quarterly, New Series*, Vol. 18, No. 2 (Jun., 2004), pp. 183-199.
- ⁴⁷ STAM, op. cit., p. 459.
- ⁴⁸ FERRO, op. cit., p. 27.
- ⁴⁹ ibidem, p. 17.
- ⁵⁰ ibidem, p. 101.
- ⁵¹ PEDROSA, op. cit., pp.152-153.
- ⁵² Ibidem, p. 173.
- ⁵³ FERRO, op. cit., p. 45.
- ⁵⁴ ibidem, p. 104.
- ⁵⁵ PEDROSA, op. cit., p. 154.
- ⁵⁶ STAM, op. cit., p. 466.
- ⁵⁷ CENTENO, Y. **Amores secretos**. Lisboa: ASA, 2006. p. 50.
- ⁵⁸ Idem.
- ⁵⁹ TAVARES, op. cit., p. 349.
- ⁶⁰ FERRO, op. cit., p. 20.
- ⁶¹ FARIA, R. **O sétimo Véu**. Lisboa: ASA, 2002. p. 221.
- ⁶² AMARAL, D. **Os cavaleiros de São João Baptista**. [3ª ed.]. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2007. p. 277.
- ⁶³ GERSÃO, T. **A cidade de Ulisses**. Porto: Sextante Ed, 2012. p. 204.
- ⁶⁴ AMARAL, op. cit., p. 274.
- ⁶⁵ SANTOS, J. **A fórmula de Deus**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 5.
- ⁶⁶ CARVALHO, R. **A casa quieta**. 7ª ed. Lisboa: D. Quixote, 2006. p. 115.
- ⁶⁷ AMARAL, op. cit., p. 56.
- ⁶⁸ MACEDO, op. cit., p. 216.
- ⁶⁹ FERRO, op. cit., p. 236.
- ⁷⁰ CORREIA, C. **E depois, pronto**. Viseu: Relógio D'Água, 2004. p. 38.
- ⁷¹ CRUZ, A. **Flores**. Lisboa: Alfaguara, 2014. p. 111.
- ⁷² ibidem, p. 113.
- ⁷³ BUESCU, H. **A lua, a literatura e o mundo**. Lisboa: Cosmos, 1995. p. 83.
- ⁷⁴ STAM, op. cit., p. 456.
- ⁷⁵ ibidem, p. 467.
- ⁷⁶ JOBIM, J. Notas sobre globalização, nacionalismo e estudos literários. In: HELENA, L. (org). **Nação-invenção: ensaios sobre o nacional em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2004. p. 45.
- ⁷⁷ JOFFE, op. cit., p. 109.
- ⁷⁸ ibidem, p. 110.
- ⁷⁹ GUIBERNAU, M. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 143.
- ⁸⁰ LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. Trad. de Mary de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 7.

⁸¹ RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 223.

⁸² GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. São Paulo: Zahar, 1981. p. 5.

⁸³ GOLDSTEIN, I. **O Brasil best seller de Jorge Amado**: literatura e identidade nacional. São Paulo: Ed. Senac, 2003. p. 32.